

# Criminalização do funk O que há por trás

Mylene Mizrahi

[mylenemizrahi@gmail.com](mailto:mylenemizrahi@gmail.com)

# “Funk não é cultura”

- Que noção é essa de cultura?
- Cultura é algo em permanente transformação; não se controla a cultura
- Cultura é a expressão simbólica da vida e por isso mesmo ela está em permanente mutação
- Meu ponto: trazer à tona esse projeto obscuro que essa suposta proposta encerra – a de controlar a vida das pessoas
- Proposta não é de criminalização do funk, ou não somente isso, mas propõe-se um estado de exceção

# Um estado que policie produções estéticas e culturais?

- Um projeto de policiamento estético
- Como implementar essa proposta? Como perseguir um ritmo inteiro?
- Somente em um estado de exceção
- Nem os governos militares pós-1964 ousaram propor
- Tirem máscaras e sejam claros: não querem nem sabem viver em democracia
- Querem um Estado que dite o que deve ser cantado e criado
- Como a Alemanha de Hitler

# Criminalização da juventude, em especial a pobre

- Não há jovem no Brasil que não escute ou dance funk
- Juventude pobre: seus principais fruidores e produtores
- Espaço de elaboração subjetividades e produção identidade juvenil
- Incapacidade projetos de inclusão social formal: escola, ensino profissionalizante, universidade

# Arte, vida coletiva e cotidiana

- No Funk: produtor e fruidor nascem juntos
- Incondicional não cisão entre arte e vida coletiva e entre arte e vida cotidiana
- O funk utiliza a mesma linguagem
- Com o funk podem falar em seus próprios termos
- Projetos Secretarias de Cultura e Educação
- Aprender com o funk ao invés de persegui-lo

# Entender os jovens e suas razões

- Levar a sério o que os jovens falam
- Levar a sério a grande aderência do ritmo
- Coisifica-se o funk e a cultura para eximir-se de responsabilidades: “funk leva ao crime, funk leva ao tráfico de drogas, funk leva à gravidez precoce...”
- Reconhecer falhas dos pais, dos projetos educacionais, das políticas públicas, inclusive de saúde, de chegar a esses jovens e entender e falar a eles em seus próprios termos
- Tocando-os em seus valores mais caros ao invés de impor a eles valores estranhos

# Mais fácil colocar na conta do funk

- Colisifica-se o funk e a cultura >>> coloca-se no outro o que não se quer problematizar
- Funk: nosso eterno outro: mostra e denega
- Relegar aos “excluídos”, “iletrados”, “não educados”: aqueles que definimos pela falta

# Apagamento gosto alheio/estética alter

- Apagar uma realidade sem reconhecer problema social
- Em bom português: varrer para baixo do tapete
- Vimos o mesmo no episódio do estupro coletivo no Morro do Barão
- Machista não é o Brasil, nem tampouco é misógeno ou racista, mas o funk sim o seria
- Inúmeros casos de assédio e estupro em universidades de excelência brasileiras

# Repensar a educação

- Como educamos nossos filhos?
- Educamos os meninos a não se responsabilizar em casa, a não se envolver em trabalhos domésticos, a ser servido por mulheres, a não brincar de boneca, a dar porrada, a ser violento
- Que tipo de masculinidades estamos produzindo?
- Não é o funk que produz os machistas brasileiros, os estupradores, os violadores, de direitos e de corpos
- Qual o papel da escola nesse processo? Como ela pode mudar mentalidades?

# Um estado que regulamente a sexualidade?

- Acusação recorrente sobre jovens que engravidam no baile
- Se isso ocorre, onde estava o pai desse jovem?
- Por que não reconhece a própria ausência?
- O funk propõe a discussão mas vocês se negam a refletir sobre os problemas que vocês trouxeram
- Será que é uma sociedade hipócrita a que queremos?
- Ou uma sociedade delirante: acaba o funk desparece o problema

# Ou uma sociedade misógina?

- Acusação de gravidez: posição frágil da mulher
- Novamente retira-se a responsabilidade do homem: mesmo menino eximido da responsabilidade em casa é eximido na rua
- As moças engravidam sozinhas?
- Usar camisinha é responsabilidade dos rapazes também; Por que a acusação se volta somente sobre o corpo delas?
- E se usassem camisinha e não engravidassem?
- E por que não usam?
- Isso é responsabilidade do funk também?

# Funk e arte contemporânea

- O funk traduz um problema social
- Elabora sobre ele, não é a causa dele
- Faz proposições e provocações sobre esses problemas, exatamente como faz a arte contemporânea (Ai Weiwei)
- Ele fala de tudo o que fala porque elabora sobre a vida
- O erótico, faz parte da vida; a violência faz parte da vida
- O funk não opõe bem e mal

# Espaço de elaboração de multiples diferenças

- Me perguntam, e os funks que fazem apologia ao estupro?
- Com o funk trata-se de tudo: faz-se discurso feminista, reivindicações machistas, afirma-se identidades transgênero, louva-se a deus e também ao bandido
- Para censurar o funk seria preciso censura a industria cultural de modo amplo: Netflix, O Fantástico, o GNT, e a web, lotada de conteúdo erótico e violento
- E aí novamente, cabe aos responsaveis da criancas e do adolescente monitorar, esclarecer, conversar, e nao esperar que o estado desempenhe esse papel
- Nao é possivel acusar O funk porque não existe UM funk

# Complexo de vira-latas

- A Bum Bum Tam Tam em Paris
- A perspectiva colonizada de cultura
- O policiamento estético
- Enquanto tratamos de ceifar e castrar nossas produções culturais o mundo se delicia com elas
- Quem faz apologia ao crime no Brasil não é o funk, mas o Congresso Nacional

# Natureza anti-democrática

- Está na hora de vir a público e deixar claro que não sabem viver em democracia
- Reconheçam a natureza anti-democrática de suas propostas
- Que querem um país livre de diferenças, mas não de desigualdade social, mas de diferenças de pensamento, de estilos, de gostos, de modos de vida
- Um país homogêneo não em defesa dos filhos mas em detrimento dos outros
- E deixem claro que querem um Brasil para poucos e tacanho

- Um país que sacrifica a sua juventude, jogando-a no limbo
- O Brasil joga sua juventude no lixo: não lhe dá empregos, não lhe dá educação, faz dela vítima fatal nos conflitos urbanos e agora quer impedir-lhe de criar
- Pois por meio do funk não apenas escutam e dançam sua música mas se tornam produtores, se profissionalizam, dão sentido aos seus projetos de vida, constróem suas identidades juvenis
- O Brasil, que já foi o país do futuro, hoje trilha caminhos em busca de se tornar o país do passado